

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

VOLUME 5.º

15 DE MAIO DE 1847.

N.º 58

O SURDO E MUDO.

(Continuação do n.º antecedente)

Darmance, quando partio, formou tenção de voltar somente d'alli a tres dias para informar-se do estado em que Herminia se achava, porém não lhe soffreu o coração tal demora. Ainda quando sahio de casa, logo apenas jantou, não estava determinado a antecipar a visita; mas no passeio que servia de pretexto à sua impaciencia, as pernas sem elle dar por isso, foram tomiando a direcção da casinha onde havia depositado toda a esperança, esperança mui incerta na verdade, mas sempre era a esperança da sua futura felicidade neste mundo, e achou-se à porta mais depressa do que imaginava. Depois de estar alli que havia fazer? batteu: e como lhe abriam, entrou. Oh! quanto lhe pulsava o coração, como pulsavam com vehemencia as arterias, quando abraçou o menino, e lançou os olhos enternecidos para Herminia ainda adoentada porém já sentada n'hum pequeno canapé, junto a sua avó! A santa mulher tinha completado oitenta annos, e era o derradeiro amparo daquellas duas creanças!

„ Assim mesmo hia ficando n'hum

pequena roda, que segurava entre os joelhos, em quanto Herminia apalpava as teclas de hum cravo tão antigo como os dedos da fladeira e aos sons dos fracos e desafinados accordes, unia a voz suave e pura, recordando as arietas, que na infancia tinha aprendido, unico emprego do tempo, que o seu infeliz estado lhe permittia mas. repentinamente parou corando por que ouvio abrir a porta, e presentio juntamente hum cheiro de ambar espalhar-se por toda a sala. Esso aroma não lhe era desconhecido, porém somente desde pela manha lhe tinha feito impressão. Por elle adivinhou quem entrava: Darmance usava sempre deste cheiro no cabello e ella o nomeou. Leão ficou admirado por esta circumstancia e quando começou a conversação por escripto com o seu novo amigo, revelou-lhe esse acontecimento: perguntou depois á irmã, como soubera que Darmance tinha entrado, sendo totalmente cega? Ella confessou então que a causa disso foram os pòs d'ambar, que Darmance usava no cabello e cujo aroma achava agora mais agradável, do que o de todas as flores.

„ Não occultou Leão esta circumstancia ao seu novo amigo e disse resultados, que na mesma noite, rece-

ben Herminia hum lindo cofresinho, cheio dos odoríficos pós : mas em vez de os pôr no cabelto , fechou-os n'huma gaveta , sem os querer empregar porque , disse ella , se os trouzesse *comtigo sempre* , não poderia *perceber quando entra Darmance e não saberia , tampouco , se está perto ou longe de mim , quando nos faz companhia*. Porém na ausencia do mancebo hia respirar com summo prazer o delicioso perfume , que tinha guardado : e exclamava então : *Parece-me que ainda aqui está ! . . .* Depois começava a chorar : mas para a pobre menina , amar , e chorar era a mesma coisa. Tantas lagrimas tinha derramado por sua mãe ! A' tão longo tempo que de sentir e padecer se compunha toda a sua existencia que a dor , e o sentimento eraõ na sua alma inseparáveis ; porém agora , finalmente , havia entrando em era nova : Já sentia o valor do tempo : já contava as horas. Pela manhã esperava que a tarde chegasse : as tardes pareciao-lhe curtas , por que era esse o tempo destinado por Darmance para as suas visitas : e quando á noite se deitava , lembrava-lhe com innocente satisfação o dia seguinte.

.. Excusado he dizer que Darmance dia e noite pensava somente em Herminia. Nenhuma circumstancia da sua vida lhe era actualmente occulta : de tudo Leão o tinha já informado. E que prazer não sentia , quando pensava que a simplicidade infantina da linha orphã , nunca fora profanada por lisongeiros expressões dirigidas á sua formosura , d'ella propria ignorada !

SoUBE tambem com extraordinaria ategria , que havia toda a expectativa de lhe restituir a vista. Que delicioso instante e lhe representava aquelle em que os seus olhos se encontrassem pela primeira vez com os de Herminia , e lhe revelassem todo o amor em que por ella se abrasava.

.. Todavia este contentamento não era totalmente livre d'inquietações. Elle tentri , que a vista dos seus proprios encantos : de vaneces e em parte a candura d'Herminia , e que algum resgo de vaidade lhe rombasse para sempre a esperança de ter em sua forçada solidão , hum companheira amavel. Depois de se contemplar ao espelho , ainda conservaria essa doce inclinação , de que elle agora não duvidava , pelo pobre surdo e mudo ? Teria alguma paixão do seu estado ? . . . porém como havia contentar-se com a compaixão de Herminia ? . . . Isso era impossivel ; antes a morte , mil vezes . . .

.. De ties pensamentos era repentinamente assaltada a imaginação ardente do generoso mancebo , no melhora de suas meditações , quando estava longe do objecto amado : mas na presença d'elle , esse nevoeiro que offuscava as suas mais caras esperanças desaparecia sem resistencia. E como podia deixar de ser assim , se elle via que levava com si o contentamento á humilde habitação daquella boa familia ? Todos á porta o festejavão , e todos em proporção recebiam tambem provas da sua amizade. A creada tinha o convite em dinheiro : a excelente avó , seda para fiar : o menino brinquedos de varias qualidades ; a bella Herminia , fructas e flores. Até o grande cão de vigia era regalado com suas rosquilhas

.. Apenas Darmance batia á porta , era

para ver como a creada corria, largando por mão qualquer serviço para lhe obrigar sem demora: o cão saltava de prazer: Leão vinha abraçá-lo: a velha avó levantava-se da sua poltrona, e lhe fazia humta reverencia do seu tempo, acompanhada por hum gesto que significava: — Sejas bem vindo, meu guapo mancebo. — E Herminia corava, suspirando, como suspirava quem está cansado por esperar longo tempo.

Todas as manhãs, entre as flores que Darmance lhe remetia vinha hum ramalhete de violas, que ella punha logo no seio, e trazia o dia todo: por ventura quando chegava a hora do chá enviava Darmance o seu amigo Leão pedir flores já murchas para tomar a infusão dellas, em vez de outra bebida.

Leão informou o seu amigo do mau estado em que o cravo se achava por falta de abrigação, e Darmance mandou vir hum afinador que rentediou aqnel, e descobrio em quanto Herminia andava passeiando. Quando ella voltou, quiz o menino causar-lhe humta surpresa agradável, pedindo-lhe que tocasse e cantasse. Não tinha d'antes outro divertimento, porem desde que Darmance frequentava sua casa, rariissimas vezes lhe punha as mãos. — Senta-te ao cravo, minha irmã — instou o menino outra vez. Não disse Herminia, já não gosto de musica. — Então por que? perguntou Leão; cantas tão beu! Mas de que serve? respondeu ella suspirando.

Desta sorte, respondia ao seu proprio pensamento, e depois acrescentou: O que agora mais desejo, he o talento de ceterer. Se Deos me restituir a vista, não me applico a

outra coisa em quanto não adquirir essa prenda --

.. Apenas constou este desejo a Darmance, que sem demora foi a Paris, pedir ao mestre dos cegos, o virtuoso senhor Hlajy, a engenhosa maquina pela qual quem não tem vista aprende a escrever em relevo e a ler pelo tacto. Oh! que satisfação teve Herminia achando-se possuidora desse precioso instrumento, e discipula de Darmance? Como foram rapidos os seus progressos, momentaneamente, havendo estudado noutro tempo aquelles mesmos principios! Com a maior facilidade foi dispendo as letras, e o nome de Darmance, como por encanto, appareceu logo formado.

.. Não tardou muitos dias que podesse conversar por escripto com o seu bem feitor. E que deliciosas foram para os dois, as primeiras palavras que os puzeram em relação bem com outro? He verdade que aquelles corações já se entendiam ha muito; porem o seu prazer subia de ponto, quando sem interprete communicavam os sentimentos de affecto que dellos transbordavam, e de outra sorte erao meos bem explicados. Estavam n'humta especie de extasis semelhante ao que experimentao dois fiéis amantes, quando se encontram depois de longa e penosa separação.

.. Assim passou o estio. Quando entrou setembro, sentio-se Herminia triste, e perturbada; mas disfarçava a sua melancolia na presença de Darmance. — Que tens? lhe perguntou seu irmão, ouvindo-a suspirar. — Daqui a poucos dias, res-

pondeu ella, heide ver Darmance, ou perder para sempre essa esperanza . . .

„ Com effeito, estava chegando o tempo que os medicos tinham assignado, como proprio para lhe ser feita a operação da cataracta; e com rasão temia a pobre menina o exito della, pois que arriscava a esperanza, o unico alivio d'infelizes.

„ Foi Darmance quem se incumbio de escolher o cirurgião que havia operar Herminia. E que outra pessoa seria tao interessada como elle no bom exito daquella delicada operação? No dia indicado, veio o mais celebre oculista de Paris. Darmance tinha-lhe pedido que trouxesse com sigo hum de seus discipulos para lhe servir d'ajudante, moço de bella presença, para com elle experimentar não o coração, mas o instincto de Herminia.

„ Como he crédulo, e supersticioso o amor! nao ha prodigios que o espantem e até se julga com poder de os produzir.

Apresentou-se Darmance vestido inteiramente de preto, como o joven cirurgião e estava sempre ao pé d'elle, em quanto durou a operação, a qual teve o exito que se podia desear. Herminia vio finalmente a luz de que ha tanto se achava privada.

„ Ah! minha querida avó! exclamou ella, apertando nos braços a veneravel matrona, que chorava de alegria, e levantava as mãos tremulas para o Céu no entusiasmo da sua humilde gratidão. Vem cá, meuirmaosinho, vem-me abraçar tambem fiel conductor, e companheiro na

minha infeliz cegueira! continuou a bella Herminia cheia d'inextinguivel prazer, apertando entre os braços o menino.

„ Em quanto esta scena cheia de ternura se passava, Darmance nao tinha movido hum passo, conservando-se ao pé do joven cirurgião, cuja figura pouco differença tinha da sua, e que até na cor do cabello se lhe assemelhava. Qualquer pessoa cega, que repentinamente visse os dois mancebos, arriscava-se muito a não acertar qual d'elles seria o seu bemfeitor; porém Herminia amava, e alem disso, tantas vezes tinha interrogado o irmão para lhe descrever as feições de Darmance, que era impossivel errar; depois, a phisionomia d'elle, apesar da impacibilidade que affectava, tinha hum nao sei que hum expressão de verdadeiro amante, que nao se podia confundir com a de outro. . . . Chegando cumprido com os primeiros impulsos da natureza, voltou a donzella para onde estavam as outras pessoas: fez humta respeitosa mesnra ao habil operador, humta leve inclinação com a cabeça ao joven ajudante, e tirando o ramalhete de violas que logo de manha tinha mettido no seio, offereceu-o corando, com humta graça indizivel, ao seu amavel protector.

„ Não pôde o mancebo enamorado conter mais tempo as demonstrações do que se passava em sua alma, e embriagado pelo ineffavel prazer que a certeza de ser querido exclusivamente, lhe dava, beijou, banhando com ternas lagrimas,

linda mão que lhe apresentava o significativo ramalhete.

O tempo necessário para a convalescência foi curto; o contentamento do espirito facilitou singularmente o restabelecimento da saúde.

Hermínia conservou-se n'hum quarto escuro os dias que lhe foram prescritos; e Darmance, de jezo ainda de fazer huma derradeira experiência, pediu-lhe instantemente, que não se visse ao espelho, sem elle se achar presente, no primeiro dia que saísse do seu quarto.

Em casa só havia hum pequeno espelho rachado, que portencia á creança. Quem mais se houvera mirado nelle? A proecta avó, não culpa disso ha muitos annos: Leão era creança, Hermínia cega; porém ainda que os tivesse muito ricos, não faltaria ella á sua palavra.

Mas Darmance, cada vez mais agitado, desde que Hermínia tinha recobrado a vista sentia-se tambem mais agitado.

„ Ah! pensava elle, não tarda que Hermínia perca a preciosa ignorancia da sua irresistivel formosura. Par-se-ha desdenhosa em se conhecer-lo... ou, quando menos, ficará admirada, e verá nos olhos de todos o effeito dos seus encantos... E eu? eu hei de presenciar os seus triumphos sem ouvir o que lhe disserem os outros, nem as respostas que ella lhes der? Em taes circumstancias, tudo poderei temer: tudo suppor.

„ Estas reflexões o fizeram estremecer; e temendo arriscar a futura felicidade da bella Hermínia, abriu-lhe francamente o seu coração, con-

fessando sem rodeios, que era zeloso.

„ Similhante confissão azazel Hermínia, dizia elle na carta que lhe escreveu, será talvez hum obstáculo invencivel á nossa perpetua união: eu que fundava a unica esperança da minha ventura sobre a terra, condemnando-me a completa solidão, propria de hum ente desgraçado, filho e-purio, que a natureza se não dignou aperfeiçoar: porém, pouco não importa: concedo-me somente a satisfação de cuidar na tua sorte, e de chorar-te minha irmã; pois me reconheço indigno de ser teu esposo —

„ Com que facilidade não sabemos dissipar as desconfianças do objecto que amamos exclusivamente! Como as palavras exprimem com clareza os nossos sentimentos e abundam em verdadeira persuasão! Como sabemos perfeitamente o que havemos dizer, e como são energicos os nossos pensamentos! Assim Hermínia com duas linhas destruiu todas as inquietações de Darmance.

„ Vem caro amigo, lhe respondeu ella, e sabe que o mundo não tem seducções para quem nasceu no seio da infelicidade, e só espera a ventura que de ti lhe pode vir, no lugar que melhor te convier. As prendas mesmo de que tu não podes gozar, eu as desprezo. Será preciso um juramento? — Daos nos vós e conhece que eu fallo verdade —

„ Dois dias depois, estando Hermínia com sua avó, a Leão, no quarto escuro, chegou Darmance, e mandou pôr alli hum grande espelho coberto com hum véo; depois pegando

pela mão á donzella, fô-la aproximar do espelho, disse a Leão que abrisse as janelas, e tirou repentinamente o véo, que encubria o vidro. Herminia se viu então, e exclamou: — Oh! como tenho crecido! — E continuou a examinar as suas feições com a maior attenção, e certo ar de complacencia, do qual Darmance não gostou.

— Ah! pensou ella, com que prazer se mira no espelho! quanta satisfação exprimem as suas feições por se vêr tão bella!... Será isto vaidade?

Herminia não podia adivinhar o que se passava no coração do seu amigo, e só reparava em si propria, pouco já com certa agitação e tristeza, ... até que finalmente, desatou a chorar. — Ah! Leão, disse ella voltando-se para o menino, e sempre soluçando, quanto me pareço com a nossa querida mãe!

E aquelle exanto foi a razão da sua longa demora ao espelho.

Darmance inquietou-se com aquella subita mudança, que detrotava todas as suas supposições, e perguntou logo ao menino, a significação das lagrimas que sua irmã derramava. Leão lhe explicou tudo com singeleza.

Oh! quanto Herminia lhe pareceu então n'as vozes mais bella! — *Anjo do Céu!* dizia Darmance com o coração em quanto de joelhos beijava as mãos da innocente donzella, que debalde forcejava para obrigá-lo a deixar aquella posição: *anjo do Céu!* quanto mais val a pureza da tua alma, do que a sua formozura, que o tempo não ha de respeitar!

Darmance não quiz fazer mais experiencias e na verdade, que outras provas poderia desejar? Passados poucos dias, levou a sensível Herminia ao templo. Alli na presença do Eterno, receberam as bençãos de hum veneravel sacerdote, e logo depois a que bem do intimo d'alma lhes lançou a octogenaria avô.

Como Herminia não ignorava os receios de Darmance, foi a primeira a pedir-lhe, que se retirassem para a provincia onde elle tinha nascido. Não quiz o feliz esposo separá-la da sua familia, e levou com si a velha avô, e o menino Leão. Partiram todos para a Normandia, e na retirada habitação em que Darmance viu a luz do dia, Herminia conserva na solidão as suas virtudes, e o mais constante affecto a seu digno consorte. Este reputa-se o mais feliz das homens, e dos páes. Na companhia de sua mulher, e filhos, perdão a natureza a dura privação de hum sentimento com que o lançou neste mundo. Todos os dias, abençoa a sorte, e agradece as Céo, que o fez mais feliz cem vezes, do que milhares de outros a quem nenhuma imperfeição physica molesta.

LIDIVINA.

Em 1800 eu me achava preso nas cadeias de uma villa, e não era essa a primeira vez que isso me acontecia. As causas desses pequenos infortúnios não me fazem corar, e não me irritam.

Não vos fallarei nem do cárcere, nem de sua mulher, pessoas caridas, cuja lembrança ficou para sempre im-

pressa em meu coração; e por isso não posso perder a occasião de fazer-vos observar que esse triste officio de carcereiro é um dos mais fúnebres quanto a seu exercicio presidem a doçura e a humanidade.

A sura Henrieta era velha e valetudinaria, mas para fazer suas vezes tinha uma criada já idosa que se chamava Lidivina, esse nome tão desconhecido, que nem mesmo nos calendarios se encontra, era quotidianamente abençoado pelos presos, que o trocavam por — divina, — que realimente sua charidade christã dava-nos uma idéja distincta da divindade, e de sua infinita misericordia.

Lidivina contava 78 annos, tão grande pezo de idade não a impedia de ser activa, vigilante, cuidadosa para com todos; parecia não ter senão 50 annos. Ella era alegre, jovial e sadia, — por que a primeira condição da hygiene é uma consciência pura: ella tinha essa alegria de coração que é o patrimonio dos que se entregam a nobres pensamentos.

Quando penso em Lidivina, parece-me que a estou vendo com sua touca branca sempre muito limpa, com seu vestido preto bem apertado na cintura, com sua medalha de prata pendurada ao pescoço por um cordão de veludo preto, bastante velho e avermelhado. Ella ainda senão animava a trazer suspensa nesse cordão um pequeno crucifixo; isso inda não era luto: essa cruz ella a guardava sem duvida entre seu corpo e o cificio de lã e de crina que vestia por penitencia, bem que estou certo que Lidivina não tinha peccados para fazer penitencia. Só se era o de ter sido formosa, que os estragos do tempo tinham deixado vestigios que o des-

O que eu conto a qui de Lidivina era o que pensavamos todos, bons e maus, e por isso a influencia dessa mulher sobre os espiritos os mais rudes e mais rebeldes, era mais poderosa do que a força: obrava sem que se podesse explicar seus meios de acção, obrava como a providencia. A ella pertencia o segredo de animar os corações abitudos, de consolar os corações desesperados, e quando no fundo dos cárceres a raiva e o furor excitavam alguma dessas sublevações de demonios, que se armam com os ferros que os prendem, que matam, que morrem mordendo ensanguentadas algemas, não eram mais soldados que se mandava para acalmalos; era Lidivina. Um instante depois todo estava tranquillo.

Mas os beneficios de Deus para com os presos desta cadeia não seriam completos, se só lhes tivesse dado Lidivina. Em suas piedosas e nobres occupações ajudava-a seu neto. Pedro era um moço de 23 annos, fraco de corpo, mais infatigavel de paciencia e coragem: para aliviar nossos desgostos, para socorrer nossas misérias tudo lhe era facil. Não vos posso dar sinão uma imperfeita idéja de sua physionomia resignada, mas não abatida de seu olhar cheio de compaixão e de ternura, de seus cabellos louros cahidos e cortados em angulos rectos, dizendo-vos que achareis caracteres iguaes senão nas physionomias dos nossos bons camponeses das montanhas ou nas imagens dos santos, por trocadas por singelos artistas.

Pedro não era grande personagem nem mesmo na gerarchia da cadeia. Introduzido nesse posto, segundo minhas conjecturas, por empenhos de Lidivina, elle apenas era ajudante ou criado do guarda-chaves. Tal era realmente seu titulo, como depois o soube.

e esse título era um favor adquirido por seu bom comportamento.

Fosse como fosse, eu não senti levado para Pedro, por essa sympathia de idade, que tão facilmente liga os moços, especialmente quando desgraçados. Por essa sympathia de creança unico faço sutil que nossas discordias politicas tinham deixado subsistente. Quando sua camiza se entre-abria nas occasiões em que se abaixava para levantar algum pezo, ou para refrescar nosso leito sacudindo a palha velha e substituindo-lhe nova, ou para carregar algum doente, eu vi por vezes sobre seu peito o cordão de um relicario. Um instinto secreto como que me dizia que o senhor nos havia imposto á ambos uma vida commun de misérias e sacrificios, e que nossa felicidade de ambos, qual seu imperio, não era deste mundo.

A sala em que dormiamos era ordinariamente aberta por Pedro, de quem todos gostavamos; era um desses favores que nos fazia a benevolencia do carcereiro, porque o ar religioso com que cada manhã Pedro nos saudava, era para nós, como hum benção que durava todo o dia. Uma vez os ferrolhos foram abertos mais tarde, e com maior violencia, sem respeito a nosso sono; isto annunciou-nos a visita de outro porta-chaves, que se chamava Nicolau.

Nicolau era um bom homem, que outro genero de vocação de que me nunca informei, tinha obrigado á servir na cadeia, e que a muito custo se tinha curvado ás exigencias e espirito de seu officio, o que na verdade tinha conseguido; e diffundia seus sentimentos naturaes com tanta manha, que illudia todos os que o não estudavam com attenção e vagar. Por muito

exercitar as cordas baixas de sua voz, o coitado tinha adquirido um fallar rouco e ameaçador; para tornar-se mais formidavel elle sabia enrugar convulsivamente as sobrancelhas, e assim tornar irado um olhar que doce por natureza nunca deveria exprimir a raiva. Com essa complicação de artificios devia custar-lhe muito, elle procurava responder-nos virando-nos as costas, e quando o conseguia sua resposta era mais dura e brutal do que nunca. Um dia surprehenderam-o chorando, porque um prezo que lha soffera a pena ultima, despedia-se em sua presença de sua mulher e filhos: quizeram chasqueal-o. Nicolau para disfarçar queixou-se que lha tinham deitado tabaco nos olhos. Quantos conheço eu como Nicolau. Os homens nunca são tão maus como querem parecer.

— Onde está Pedro, perguntei-lhe eu, sentando-me sobre minha cama.

— Pedro! Pedro! respondeu elle com asperza, todos perguntam por Pedro: dir-se-lia que Pedro é a unica pessoa que ha nesta casa. O que é que elle vos faz, que outros vos não façam também? Dá-vos Pedro para alimento mais do que pão e agua? Pão, eu vos dou também, aqui ten hes; agua, aqui tendes; agora se quereis coiver com Pedro hede buscá-lo: Pedro está n'uma masmorra!

— Pedro n'uma masmorra, exclamei eu, é impossivel! O que é que elle fez?

— O que é que elle fez! posso eu saber disso? o que é que elle fez! é isso de minha competencia? me devo occupar com o que fazem os outros? Uma porta aberta mais cedo; uma porta fechada mais tarde; uma carta entregue secretamente antes de ser lida pelo carcereiro; uma complacencia de

lento e cobarde para com vósco; oh! de qualquer desses crimes é bem capaz aquelle hypôcrita.

(Não é necessario declarar que para fallar-me assim, Nicolau me tinha dado as costas.)

É uma infamia, exclamei eu! é uma infamia horrivel! Se os magistrados o soubessem, severamente reprimiriam este abuso de poder. A masmorra é uma pena mui grave, e pena nem uma pôde ser imposta senão por autoridade da lei. Tamañha vexação é indigna, e clama vingança!

— Bom! tornou-me Nicolau, fixando sobre mim um olhar menos irritado, tomaste por acaso vosso amigo Pedro por um homem livre como eu, que pôde, quando queira, saber desta caza exigindo seus salarios? Como vos elle está prezo, com uma pequena differença; vós tendes de ser julgado amanhã e podem os juizes mandardes livre para vossa caza, si tiverdes boas testemunhas; em quanto que Pedro deve 15 annos ainda passar nesta cadeia, se o commissario do poder executivo senão lembrar delle; quando não serão 13 annos de galés que terá de sofrer. Confesso que isso é duro, mas que lhe podemos fazer? Elle não tinha a idade necessaria para ser guilhotinado. —

Guilhotina, galés, está honrado Pedro, esta amavel Lidivina! todas as apparencias, que tinham chamado minha attenção, todas as noticias que me tinha ministrado uma conversação de 5 minutos, confundia-se tumultuariamente em meu espirito, quando Nicolau sahia deixando a porta: embalde o queira interrogar

para obter mais amplas revelações, elle se havia retirado e parecia-me ouvir atravez das grossas paredes sua voz rouca e grave repetindo seu estribilho. — Posso eu saber disso importo-me eu com o que os outros fazem?

Fui julgado no dia seguinte, como Nicolau m'o tinha annuciado, fui julgado e absolvido por nove votos contra tres que me queriam condemnar. Ninguém se admirará sem duvida se eu confessar que resultado nem um de escrutinio me foi mais agradável do que este.

A primeira cousa que me occupou, quando me vi livre, foi a historia de Lidivina e de Pedro. Eis o que soube: um velho sacerdote santamente temerario se refugiou em caza de Lidivina no anno 1795 para d'ali enviar exhortações e esperanças a seu rebanho de christãos dispersos sem pastor nem altares. Surprehenderam-o officinando, elle estendeu seus dous braços aos ferros como um martyr da primitiva igreja. O povo da aldeia defendeu-o contra sua vontade, com esse ardor que a religião inspira quando é perseguida. Eram 10 homens, tiveram de ceder; 15 morreram no cadafalso com o confessor, depois de receberem sua benção. A avó tinha perto de 70 annos, o neto menos de 16. portanto, na frase do chaveiro Nicolau, um já tinha passado, outro não tinha chegado á idade de serem guilhotinados, e por isso foram ambos postos na cadeia.

Neste intervallo Bonaparte tinha

apparecido, Bonaparte esse gigante da civilização, que a não pôde festejar em solidas bases, po' que Deus o não quiz e o abandonou. A revista desses processos excepcionaes de uma legislação de anthropophagos era então facil; grande numero de pessoas importantes interessaram-se por Lidivina e Pedro, — que nada ha mais facil do que achar boas almas dispostas a repararem o mal, quando essa reparação em nada os prejudica e nada tem de arriscado. De nem um de meus passos tinha eu informado esses meus dois amigos; receio de lhes dar esperanças que podiam ser frustradas; porém apenas recebi as peças legais que annullavam a sentença contra elles proferida, fui-me apressado ter com elles, dez vezes mais feliz do que no dia em que absolvido, tive de separar-me e deixal-os. A Lidivina e a Pedro, levava 26 annos de liberdade.

Ah! como me recordam as impressões que então sentia! Oh! como as tenho presentes! parece-me que foi hontem, que foi hoje mesmo, dir-se-hia: que de então para cá nada tenho soffrido nem visto soffrer. Eram 4 horas da tarde, um bello dia de primavera como costuma ser os da Franche-Comté no mez de abril; o sol com seus ultimos raios alegrava o pateo da cadeia em que os presos gozavam dos ultimos instantes de recreio. Ha nas cadeias instantes marcados para o recreio, eu vi o asseguro. (1) Entrei alegre e pressuroso, lançando os braços ao collo de Lidivina e de Pe-

dro: — Estaes livre, lhes disse. — Elles me não comprehenderam, uns todos os prezos que ouviram, minhas palavras mostraram por sua emoção que elles me tinham entendido, elles os abraçaram e banhando-lhes com lagrimas as faces e os cabellos, deram-lhes completa explicação de minhas palavras.

Depois disso houve um profundo silencio, um silencio grave e triste, porque n'uma prisão em que se tem vivido mais de 7 annos, prendem-nos outros laços mais fortes que os do cativeiro. Lidivina olhava para as suas mulheres, esses convalescentes, esses enfermos que tanto tempo tinha tratado com affeição maternal, e que esperava converter com seu exemplo á religião e á virtude. Ella parou enfim diante de um velho bastante alquebrado, que cansado pela idade, ou vencido pelo excesso tinha ficado immovel e estático: — Ah! Jorge, disse-lhe, quem te trará teus caldes? —

E depois voltou-se para mim, entre suas mãos apertando-me a minha: — Estou eu verdadeiramente livre, perguntou-me?

— Sim, Lidivina.

— Poderia eu sair com vós agora mesmo, si o quizesse?

— Sim, Lidivina.

— E vós me levaríeis agora mesmo á casa do advogado de meus prezos?

— Sim, Lidivina.

— Vós poderíeis mostrar-me a casa do medico de meus prezos?

— Sim, Lidivina, mostrar-vos-ha também a igreja que se está repa-

(1) Nas cadeias francezas, não ha seguran-

rando para o serviço divino; porque temos agora um governo humano, justo e esclarecido, que sente a necessidade de dar a seu poder o apoio da fé. Deus é o melhor dos auxílios.

— Tendes razão, meu amigo: oh! se eu tivesse certeza de que não serviria de peso nesta causa...

A mulher do carcereiro lançou-se-lhe nos braços fazendo hum movimento involuntário para detê-lo.

— Está bom, continua ella surrindo, enquanto que com a mão enxugava os olhos. Eu não estou tão velha que não possa no serviço de meus amos ganhar honradamente meu pão. Recolhei-vos, meus bons amigos, recolhei-vos que vae-se fazendo noite; amanhã nós nos tornaremos a vêr, porque eu não quero sair daqui. Onde poderia eu ir rezidir para que fosse mais feliz e mais útil? Hum aldeia, huma casa, huma familia! Isso para mim já não existe. O cemiterio mesmo nada teria que dizer-me, porque meu marido, meus irmãos, meus filhos nelle não descansão; vós sabeis que morrerão longe d'aqui e que levarão seus corpos não sei para onde.

— Quanto a Pedro he differente. Pedro he moço, indústrioso, paciente, e, o que vale mais que tudo, cheio de temor de Deus. Se o mundo como acabaste de dizer-me, voltou ao bem, meu pobre Pedro talvez nelle possa prosperar! vem cá meu filho, vem que te abençoe, vem que te diga adeos. —

Pedro ainda não tinha fallado: estava sepultado em profundas e serias me-

dições, e como dvidoso e embarçado para romper o silencio; enfim ouvindo as ultimas palavras de Lidivina, chegou-se para ella.

— Nunca... minha mãe disse-lhe com firmeza e resolução, nunca. Pensei algumas vezes na vida que abraçaria quando acabasse o tempo de minha prizaõ. Quisera ser padre, mas he preciso saber tanta coisa que não posso mais aprender! Mas se o ministerio de padre he grande, o de chavreiro tem deveres que me aprazem e aos quaes me não quero subtrahir. Nicolau precisa de hum ajudante e elle sabe agora perfeitamente que minha compaixão mesmo para com os soffrimentos, que experimentei desde a infancia nunca me desviou de minhas obrigações. Eu vos supplico pois, minha mãe, permitti que eu não saia desta prizaõ. He a vida que o Senhor me destinou nunca á ella renunciarei.

Os prezos já se haviam recolhido, Nicolau não tinha pois motivo que o obrigasse a reprimir a expansão de seus excellentes sentimentos naturaes. — Fica, fica connosco, disse elle com os olhos arrasados de lagrimas. —

— Não he verdade que em meu logar teriei feito o que fiz, disse-me Pedro voltando-se para mim?

— Sim, meu amigo, respondi, se me não faltasse coragem e obrigação. —

Lidivina e Pedro viverão e morrerão no serviço dos prezos.



A PROCISSÃO DO RESGATE.

O total exterminio dos Mouros das Hespanhas, depois de sete seculos de poiziados combates, não foi bastante para lavar a nodosa do desbarate do Chrysus. O odio arraigado por tão longa luta, e mais que tudo o instincto da propria conservação, levou as armas christãs ás partes d'além. Entendia-se, e bem, que era necessario quebrantar ainda as forças da seita de Mafamede em sua propria casa. Movido deste pensamento, cahio o vencedor de Aljubarrota sobre a afamada Ceuta, e a rendeu. Esta foi a porta por onde entrou a triumphar de Mauritania el rei D. Affonso V, a quem por isso appellidaram o Africano. Mas estes triumphos (ainda antes da catastrophe de Alcaer-quibir, não menos terrivel que a antiga do Chrysus) não eram ganhos sem grande desconto. Por terra e mar cabião centenares de christãos em poder dos infieis, que tambem eram valerosos e destros. Barbaros se lhes chama communmente, mas sem justiça. Que não é barbaio quem combate lealmente no campo, e accieia de bom animo resgate dos captivos, ou por troca de pessoa ou preço estipulado. Este novo genero de commercio carecia, como qual quer outro, de cabedaes e negociadores. Para haverem aquelles deu amplissimas providencias o proprio rei africano, e deste seu tempo foram principaes negociadores e interpretes de taes contractos os religiosos da Santissima Trindade, cujo instituto

era a isso mesmo dirigido. Com a perda das praças d'Africa não cessarão os baixes de Barbaria, ou antes continuaram mais a seu salvo o renhoso commercio de almas christãs, que só se pôde julgar extinto de de a tomada de Argel pelos Francezes em 1830.

Quando de Barbaria chegava alguma congregação de captivos resgatados, é facil de entender com que alvoroço e festejos de seus parentes e amigos, e ainda de toda a gente, seriam recebidos. Daremos hoje noticia mais especial de uma destas festas. Era Domingo á tarde, 22 de setembro de 1720. Da igreja de S. Paulo de Lisboa, sahio a soleuine procissão do resgate, e se recolheu no convento da Santissima Trindade. São 565 resgatados do captiveiro de Argel pelos redemptores Fr. Joseph de Paima e Fr. Simão de Brito, havendo entrado neste porto na sexta feira 20 do dito mez. No numero dos captivos redimidos se contavam tres clérigos, um religioso carmelita, outro da provincia da Piedade, 6 caplaes, 15 mulheres, em que só havia 5 brancas e uma menina de dous annos nascida em Argel. Entravam neste resgate 10 estrangeiros, a saber: 5 Castelhanos, 5 Holandezes, um Genevez e um Mantuano.

O NOME DE RAINHA NA INGLATERRA.

Existia entre os saxões uma lei que prohibia ás mulheres dos seus reis intitular-se rainhas e assentarem-se no throno ao lado de seus

esposos. A lei ordenava que se algum rei infringisse este costume, consentindo que sua esposa se chamasse rainha, tod' assentando-a comtigo no throno, seria por esse unico facto de sua desobediencia, privado dos direitos da corôa, e os seus subditos obrigados para com elle do juramento de fidelidade. A historia nos mostra que esta lei era rigorosamente observada. Etelwolph, por ter querido que se dösse o titulo de rainha a sua esposa, filha de Carlos Calvo, rei de França, foi despojado da corôa, e obrigado a cede-la em Etobaldo, seu filho do primeiro matrimonio.

Ainda hoje conservão os inglezes na sua lingua um vestigio mui notavel desta lei: nao tem elles palavra que corresponda a esta nossa portugueza *rainha*. Isto é, que seja o termino do nome rei. As suas rainhas chamão *the queen*, que é o mesmo que dizer *companheira*. Este nome é generico, e na origem da lingua se applicava com esta significação, tanto ás mulheres como aos homens. Muito tempo se servirão d'elle para designar os companheiros do principe, a que em latim se dava o nome de *comes*, d'onde depois se derivou o titulo de *conde*. Assim a rainha em Inglaterra existe só no direito, e posto que o tempo tenha deixado cabir em desuso as demais acceções da palavra, é todavia certo que não tem a rainha verdadeiro nome na sua lingua.

LEIS CONTRA A OCIOSIDADE.

Os Egyptios fazem da ociosidade um crime de estado. Amasis, um dos seus maiores principes, creou juizes de policia em todos os cantões, e perante elles serão obrigados a comparecer de tempo a tempos todos os habitantes do paiz para lhes declarar em que se empregavão. Aquelles que se achavão convencidos da vadiçze habitual são condemnados á morte como vassallos inúteis. Para lhes tirar todo o pretexto, os intendentés das provincias estavam encarregados de ter sempre nas suas respectivos districtos obras publicas, nas quaes são obrigados a trabalhar aquelles que não tinham outra occupação. „ Vos vistes gente ociosa, „ dizião seus commissarios aos Israelitas, obrigando-os a dar prompto todos os dias um certo numero de tijolos; e estas famosas pyramides, que ainda hoje fazem o objecto de admiracão publica, são em parte fructo do trabalho destes operarios assim amontoados, que a não se tomar essa medida, terião ficado na inacção e na miséria.

Nota-se o mesmo espirito nos antigos gregos. Em Lacedemonia não se toleravão vassallos inúteis; as occupações de cada

particular eraõ reguladas segundo suas forças e sua industria. Entre os outros povos da Grécia reinava a mesma maxima contra a ociosidade.

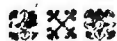
Segundo as leis de Dracon e Solon e de seus outros legisladores, intentava-se uma acção crime contra aquelles que erão convencidos de se entregarem a ociosidade, e tiuhão pena de morte. Era entre elles uma maxima universal, que os preguiçosos erão em toda a parte como na ilha de Creta, bichos máos e perigosos.

Os antigos romanos não cedião em nada aos gregos a este respeito. Uma das principaes funcções dos seus senhores era obrigar todos os cidadãos a dar conta do modo, por que empregavão o seu tẽmpo; os vadios erão condemnados ás minas ou aos trabalhos publicos. A inacção não era um privilegio de nobreza; era uma nota de infamia e um defeito capital condemnado universalmente como directamente contrario a todas as sociedades. Elles não a toleravão nem mesmo nos membros do senado. Um de seus imperadores, Antonino suspendeo os ordenados a muitos que se contentavão em ter a qualidade de senadores sem cumprir os deveres deste cargo, dizendo

que não havia nada mais indigno e cruel do que deixar consumir os fundos da republica por individuos que não lhe servião de nada.

Os antigos germanos, segundo refere Tacito, mergulhava os vadios de profissão no lodo dos seus pantanos, e deixavão-os expirar alli um genero de morte proporcionado ao seu genero de vida.

Na China tambem se não tolera a ociosidade. Obripaõ-se os enfermos e ate os cegos e os manetas a trabalhar, dando-se-lhes os trabalhos que elles podem fazer aquelles que estão absolutamente incapazes de servir são alimentados á custa do publico.



NADA DE — VETO.

Quando na assembléa constituinte de França se discutia a constituição de 1789, os demagogos, para mais facilmente fazerem passar suas opiniões e projectos, appellavão para a populaça segundo o costume, e incitando-a e exaltando-a por discursos cheios de fogo, e por outros meios bem conhecidos, a fazião correr as ruas de Paris, e depois amontoar-se ás portas da assembléa, pedindo em altos

gritos o que nem ao menos entendião.

No dia em que se devia discutir o direito de *veto* (isto he, o direito concedido ao rei de poder negar a sua sancção aos decretos do corpo legislativo), toda a populaça de Paris corria, como sempre, as ruas da capital em grandes ajuntamentos, e com vozerias e altos alaridos de — nada de *veto*, nada de *veto*; a nação não quer o *veto*.

O celebre deputado Mira-beau, encontrando hum destes grupos, em que mais figurava huma mulher, vociferando como endemoninhada — nada de *veto*, nada de *veto* —, chegou-se a ella, e perguntou-lhe cortezmente: „ Não me direis, boa mulher, o que quer dizer esse *veto*, contra que tanto vai gritando este povo? Cheguei ha pouco a Paris, e não entendo o que isto seja. „ Oh meu rico senhor, respondeu esta politica de nova especie: o povo tem toda a razão. O *veto* he hum tributo que querem lan-

çar sobre o pão e o assucar. „ E, sem mais se demorar, continuou a correr, e a esclamar com todas as suas forças: Nada de *veto*, nada de *veto*.

MODO DE JULGAR OS CRIMES EM CAHOR.

Em todo o reino de Cahor, os accusados são julgados em um conselho de velhos e a sua maioria declara como em huma especie de jurado, se o que se achá presente he ou não culpado: mas não impoe a pena, porque cada chefe de aldea he o unico que tem direito de vida e de morte. No caso de assassinio, os bens do matador são confiscados, e se pode escapar toda a sua familia he tratada como complice, e igualmente despojada dos seus bens. Quando querem saber se hum accusado falla verdade, mandão por em braço hum pedaço de ferro e lho applicão sobre a lingua: se o pobre he sensivel á dor que o ferro lhe causa he reconhecido como criminoso: pelo contrario, se o ferro lhe não faz impressão, proclama-se a sua innocencia. Encontra-se este costume entre quasi todas as nações africanas, a que chamamos selvagens e barbaras: mas não ha muitos seculos que na Europa, hoje tão orgulhosa da sua illustração, este costume era igualmente admittido.



ANECDOTA.

Hum frade, que devia pregar em huma aldea nhum domingo em que nevava muito e fazia grande frio, tomou por assumpto a descripção do inferno: „

Sabei, meus caríssimos irmãos livres disse elle depois de outras cousas, que neste lugar de trevas e de dor, corre de continuo hum frio tão forte, tão agudo que tudo ali he neve, tudo gelo. . . Tendo acabado o seu piedoso arranzel, hum sujeito se lembrou de perguntar-lhe por que motivo, contra a

opinião commum, elle pintava-o inferno como hum lago de gelo. . . He por que faz muito frio, respondem o homem de Deos, e se eu dissesse que no inferno havia lume, demar-me-hão só no pulpito, e correrão todos a ir la aquecer-se.

AO OURO PRETO— O PADRE RIBEIRO, EM DESPEDIDA

SONETO.

A Deos Nobre Ouro Preto., a Deos, Cidade,
Eu me ausento de Ti : n'esta partida
A minha alma se torna dividida,
Vacilla, fica, e vai, fallo verdade.

Favores, distincção, firme amizade
Sinceras relações, fé decidida,
Eis o embate da minha despedida,
Eis os laços do amor e da saudade.

A' todos sem reserva estou ligado,
Todos tem seu direito áos meus abraços,
Ingrato não serei, serei lembrado.

N'este transe, cortando os embarços
Os olhos limpo ao lenço já molhado.
Parto em fim... porem como? em dois pedaços.

Nota do Autor

Dizem os poetas, que o Cysne quando despara a cantar, está perto da morte: longe va o agouro.

A 1.^a charada, do n.^o antecedente exprime a palavra — Idolo —; a 2.^a — Paixão.

Chegarão do Rio de Janeiro pelo ultimo Correio, e achão-se á venda nas casas do costume, vigesimos de Loteria